



Fernando Pessoa, entre livros e leitores

Marisa Lajolo

Para **Sheila Aparecida de Souza Santos**
e **Shirley Aparecida de Souza Santos**

Vai que, de repente, caiu em suas mãos o poema abaixo de Fernando Pessoa intitulado *Liberdade*.

Você conhece o poeta de nome. Sabe que ele era português e que por vezes assinava seus poemas com outros nomes, os **heterônimos**.

Pode não saber que os versos de *Liberdade*, por exemplo, são assinados como se tivessem sido escritos por Alberto Caeiro.

Mas isso não importa. Importa que você gostou do título, os versos eram curtos, e começavam de uma forma diferente e desafiadora: **propunham desobediência!**

Você leu o poema até o fim e depois leu mais uma vez, devagarinho.

Na realidade, b e m d e v a g a r i n h o . . .
d e v a g a r i n h o

Liberdade*

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada.
Estudar é nada
O sol doira
Sem literatura.

O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
nem consta que tivesse biblioteca...



Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro Campos, Bernardo Soares, Alexandre Search, Antônio Mora, G. Pacheco, Vicente Guedes, e até o Chevalier de Pas, de quem o menino Fernando Pessoa recebia cartas, que ele mesmo escrevia, quando tinha 6 anos de idade! Você já pensou em inventar heterônimos para você mesmo?

* Fernando Pessoa, *Obra poética em um volume* (Alberto Caeiro). Rio de Janeiro: Ed. Aguilar p. 188.

O texto pega: onde já se viu um poema que diz que é bom não cumprir os deveres, que pode não ler o livro que a escola mandou e que ler é mesmo muito chato (é isso que *maçada* quer dizer)? Poucas vezes você viu isso.

Naquela releitura que você fez bem devagarinho você foi percebendo que o texto parece dar muito mais valor à **natureza** que à **cultura**.

Fala bem das flores, do sol que fecunda a terra (não do sol que queima e mata), do rio que corre e do vento que sopra quando quer...

E critica o estudo, reduz livros a meros papéis pintados com tinta e tem um argumento final contra a cultura escolar e letrada absolutamente fulminante: sugere que Jesus Cristo — a quem as religiões cristãs dão extremo valor — não tinha biblioteca!

Este texto de Fernando Pessoa é mesmo surpreendente: parece ir na contramão do que todos dizem. A solidariedade do poeta aos que abandonam os livros e se desinteressam dos estudos e das edições raras é incomum, não é mesmo?

O poema também adere a um certo misticismo, ao aludir ao retorno de D. Sebastião, um rei português que desapareceu numa batalha e que, ao longo da história de Portugal, simboliza — na crença popular de sua volta — a esperança de um tempo melhor, da realização de um futuro cheio de promessas.

Por se tratar de um poema tão surpreendente, talvez seja interessante pôr em prática, a propósito dele, nossa **liberdade máxima de leitores**.

Nossa liberdade de leitores nos permite entender literalmente o poema *Liberdade*, isto é, tomá-lo ao pé da letra, acreditando que ele diz exatamente o que está escrito.

Mas

nossa liberdade de leitores também nos permite entender o texto de outra forma, supondo que o poema pode ter um segundo sentido, que, nas suas entrelinhas, desmancha seu sentido literal.

Ou seja: podemos imaginar um poeta malicioso, que critica livros, escola e estudo como simples estratégia. E o resultado dessa estratégia pode ser levar seus leitores — talvez estranhando o que o poeta diz — a pensarem melhor no assunto.

O que é que VOCÊ pensa sobre o assunto?

Eu, por mim, fico com os dois sentidos.



